



ISBN 978-989-96052-3-7



9 789899 605237

O COMBATE ILUSTRADO

O COM-
BATE
ILUS-
TRADO
DE 1986 A 2007

**O COM-
BATE
ILUS-
TRADO
DE 1986 A 2007**

Uma história pouco ortodoxa

Jorge Silva

director de arte do *Combate* entre 1978 e 2003

Índice

Alain Corbel 115
Alice Geirinhas 28, 56, 60, 77, 98, 120-121
André Ruiivo 133, 135, 137, 145, 146-147, 148, 152-153, 154, 155, 159, 160, 166, 167, 177, 183, 190, 193, 196, 198
Ángelo Ferreira de Sousa 207, 214
Carlos Marques 72, 79, 84-85
Catarina Carneiro de Sousa 206
Cristina Sampaio 32, 43, 50-51
Diniz Conefrey 130
Francisco Vaz da Silva 15, 16, 20, 30, 31, 62
Fernando Torres 25
Fonte Santa 40-41, 59, 66, 75, 76, 90, 91, 100, 104-105, 112-113, 122-123, 126
Frederico Mira 117, 128
Gonçalo Pena 111
Isabel Carvalho 205, 213, 218
Joanna Latka 219, 220, 221
João Fazenda 136, 139, 141, 144, 150 151, 163, 165, 172, 178, 181, 185, 187, 192, 195, 197, 203
Jonas 33, 36, 38, 63
Jorge Silva 10-11, 13, 19, 22, 24, 34, 35, 42, 44, 49, 52, 54, 61, 64, 67, 71, 82-83, 108, 129, 138
Jorge Varanda 81
José Cerqueira 9, 12, 23, 27, 29
José Feitor 132, 140, 142, 175, 189, 199, 204, 208, 209, 210, 215, 216-217, 222, 223
Luis da Silva 212
Miguel Cabral 191
Nicolau Tudela 86
Nuno Costa 143, 149, 186, 211
Nuno Gonçalves 87
Nuno Neves 168-169, 174, 176, 180, 194
Nuno Saraiva 101, 106, 126-127, 131
Patricia Garrido 107
Paulo Cintra 73
Pedro Amaral 14, 17, 18, 21, 53, 55, 68, 69, 70, 74, 89, 92, 93, 94, 102, 109-110, 116
Pedro Burgos 103, 115, 125
Pedro Cavalheiro 96, 97, 99
Pedro Pousada 118-119, 134
Pedro Zamith 161, 164, 173, 184, 188
Relvas 45-48, 88
Renato 95
Richard Câmara 158, 162, 170-171, 179, 182, 200-201, 202
Rui Silveiras 37, 57, 58, 65, 78
Vasco 26, 39, 80

Coordenação e design: Jorge Silva
Textos: Heitor de Sousa e Jorge Silva
Capa: Rui Belo
Produção: Luis Branco e Tiago Gillot
Fotografia: Valter Vinagre
Impressão: Rainho & Neves – Sta. Maria da Feira
ISBN: 978-989-96052-3-7
Depósito legal: 000000000000

Edições Combate
Associação Política Socialista Revolucionária
Rua da Palma, 268 – 1100-394 Lisboa
www.combate.info

Um imponente Citroën DS 21, vulgo boca-de-sapo, corria Lisboa e arredores, partindo da Estrada de Benfica, passando ali ao lado na Damaia pelo Vaz da Silva, ao Lumiar pela Alice Geirinhas, em Telheiras pelo Pedro Amaral, atrevendo-se à labiríntica Alfama em demanda do Fonte Santa, à íngreme Calçada dos Cavaleiros pela Cristina Sampaio, sulcando o rio até Almada pelo Rui Silveiras, terminando na Costa da Caparica pelo Jonas, que outro não era que o João Garcia Miguel. Era o ano de 1989 e esta a rotina mensal das viagens de leva-texto e traz-boneco, batendo à porta dos ilustradores, que computador e e-mail nem em sonhos. Lá por casa cirandava outro artista, designer cúmplice nas noitadas da Rua da Palma, o José Cerqueira. A direcção artística era branda, que o *pro bono* dos ilustradores não dava para grandes ingratidões. A produção gráfica do jornal tinha algo de heróico, noites passadas à volta de mesas de luz, colas de cera quente ou em spray venenoso, filetes autocolantes sempre a auto-descolar-se, e uma câmara escura que às quatro da manhã, no deserto casarão-sede do PSR da Rua da Palma, não era para espíritos fracos. Os pastéis de óleo, reinvenção sumptuosa dos anos 80, lambiam as primeiras folhas de papel A2, a sonhar futuras exposições a cores. O que aconteceu por duas vezes. Em 89, na livraria Assirio & Alvim, a segunda em lugar mais catita, um ano depois, na galeria Monumental, ali ao Campo Santana, cortesia do clã San Payo. Tiveram direito a catálogos miniaturais e prefácios amáveis de Jorge Silva Melo e João Paulo Cotrim.

Os artistas apreciavam esta Primavera gráfica, nada comum nas esquerdas da época. O *Combate* desses anos não padecia de ortodoxia. Nem de centralismo democrático. Havia, é certo, uns temas assim a dar para o delicado, como o feminismo e a causa palestiniana, a pedirem tento no pincel. O jornal era bicho raro, cativando fiéis, que se não fossem da prosa seriam seguramente do design. Mas este *Combate* ilustrado não nasceu de geração espontânea. Os primeiros anos, ainda nos 70's, foram de trevas gráficas, pirateando Mafaldas do Quino, cartoons do Wolinski e outros assim de jornais irmãos como o francês *Rouge*, justapondo-lhe heréticos comentários caseiros, punhos fechados e manifs página sim, página sim, infância iconográfica do trotskismo luso. A libertação levou o seu tempo e em Setembro de 86 o jornal inicia uma curiosa série de seis números de ilustração temática, baseada em fotografias e signos gráficos manipulados numa Repromaster, luxo

asiático lá da casa. Influência teve também um exótico cocktail chamado *Contraste*, jornal-revista de efêmera duração, 85--86, mistura de *movida* urbana lisboeta e desencanto pelo ortodoxo PC, que pelas mãos de Miguel Portas e Henrique Cayatte deu guarida a consagrados e novíssimos escribas, designers, fotógrafos e claro, ilustradores. Por lá ficaram impressas as minhas primeiras ilustrações dignas de nota.

As ilustrações originais no *Combate* começaram aí por 86. No final da década havia já um corpo residente de ilustradores, amálgama de militância política e amizades, muito à pala da Faculdade de Belas-Artes, mono académico que espicaçava cumplicidades para uma vida inteira. Amaral, Fonte Santa, Geirinhas, Jonas e Silves, imprimiam no jornal um retrato crudelíssimo da condição humana e urbana enxertando-lhe experiências dos seus fanzines underground. Cerveira Pinto, crítico de muitas artes, grafou esta geração anos mais tarde como *arte urbana radical*, no contexto da exposição *Off*. Simultaneamente com a primeira geração de ilustradores d'*O Independente*, coqueluche gráfica de então, com a sua linha clara, tintas transparentes e palmeiras neo-coloniais, os ilustradores do *Combate* saturavam o papel de pastéis e acrílicos, a tinta da china era bem mais negra aqui, a figuração grotesca e a miséria quotidiana buliam com as boas consciências. Ilustração revolucionária, portanto.

O Independente, aquele semanário de escândalos anticavaquistas, teve uma enorme dívida para com o *Combate*, nem dá para acreditar. Muitos dos ilustradores passaram-se para o semanário em 91, ocupando o baldio criado pela migração para as Américas do seu director de arte fundador, Jorge Colombo. Ganhou o *Indy* anos resplandescentes de ilustração esquerdista, ficou o *Combate* vazio. Ou quase. João Paulo Cotrim, editor na altura, resistia heroicamente, desencantando páginas inteiras de trabalhosas bêdês a uma multidão de fiéis seguidores dos seus projectos em quadradinhos. Eram o Nuno Saraiva, o Jorge Mateus, o José Carlos Fernandes, o Lam, o Pedro Burgos, o Renato, o Pousada e até o Relvas, autor de imortal ovelha negra. P'ra castigo, eu desdobrava-me em grafismos e pseudónimos, em comum apenas as orelhas dos bonecos, disfarçando como podia a falta de mais dez. Os anos de 94 a 98 foram de seca ilustrada, hipnotizado já pelos barbarismos tipográficos do império ianque, David Carson e tal. O novo-riquismo digital e um quilométrico arquivo de fotografias piratas faziam o resto. Mas uma nova fornada de militantes e aficionados do jornal não estava disposta a deixar morrer a coisa. Em Setembro de 1999, na enésima remodelação, o Luís Branco, novíssimo director do pasquim, ressuscita a ilustração. Uma espantosa geração emergente de ilustradores estava mesmo ali à mão de semear, seduzida pelas causas fracturantes do partido e sequiosa de meter

a foice em jornal de culto. O vermelho tipográfico, aquisição recente, deu aos novos ilustradores em trânsito do pincel para o computador o pretexto para se emanciparem da tralha linear, traços e riscos que já eram, banda-desenhada te arrenego!, manipulando camadas digitais como os seus avoengos do século anterior faziam com papel vegetal, antes da banalíssima impressão offset nos lixar a todos. André Ruivo, João Fazenda, José Feitor e Richard Câmara avultam nestes anos, escultores gráficos digitalizando borrões e texturas para moldar volumes em virtuosos layers photoshópicos. Nos últimos anos, a ilustração do *Combate* prenuncia a contemporânea salada de todas as artes, com a Isabel Carvalho, o Pedro Zamith, o Ângelo de Sousa ou o Nuno Neves. Deixei o jornal em 2003, sem fôlego para outra vida deste gato-*Combate*. Em 2007, o jornal-já-revista afunda-se orgulhosamente, levando consigo a orquestra ilustradora, tocando afinada.

P'ra aqui estamos agora às voltas com tão veneranda memória, mais do que rodapé na história da ilustração portuguesa. E porque isto também se quer lição para o futuro, como a doutrina política, e não só olhar piegas ao passado, a escolha vai severa pelo olhar endurecido na rotina de jornais e livros. Algumas ilustrações envelheceram mal. Digo eu. Com académicos e modismos, sem a patine do tempo para as absolver por atacado. Mas não há ingenuidade nestas imagens. Sim uma vontade acima de toda a ideologia, ou a usá-la ironicamente como pretexto. Mesmo em capitalistas de charuto e cartola, só há paródia e citação. Os artistas do *Combate* queriam apenas ilustrar com os olhos do seu tempo.

A generosa produção deste livro dá nova vida aos originais em papel, revelando cores insuspeitas e texturas subtis que a pelintrice de outrora não permitiu. Há muitos ausentes, perdidos foram em leilões solidários e pastas esquecidas. Cartoon e caricatura são raros no livro. Excepção honrosa para o veterano Vasco, cujo grafismo e rebeldia assentavam como luva. Alguns talentosos artistas plásticos e gráficos passaram tão depressa pelo *Combate* que quase não deixaram rasto. No final do livro segue lista completíssima. A organização estritamente cronológica dos bonecos é preguiça assumida, uma viagem na máquina do tempo, revelando camadas e tesouros de arqueólogo.

Cúmplices das letras, directores, editores, e foram muitos, que sem eles nem estaríamos aqui a conversar, ei-los sem cronologia nem ranking: Eduarda Dionísio, Francisco Louçã, Heitor de Sousa, Henrique Gil, João Carlos Louçã, João Martins Pereira, João Paulo Cotrim, João Romão, Jorge Costa, Jorge Silva Melo, José Videira, Luís Branco. A todos, um imenso obrigado.

E que saudades daquele boca-de-sapo...

À guisa de Introdução

Heitor de Sousa

O *Combate* é um título editorial já com uns aninhos para contar. Com esta publicação, dedicada à divulgação de duas centenas de ilustrações, o *Combate* dá à estampa uma das facetas mais inovadoras que foram introduzidas ao nível da linguagem política: a associação entre a ilustração e o discurso político.

Essa viragem não aconteceu por acaso. Foi mesmo uma opção de mudança, não apenas de conceito editorial, mas também de alargamento e diversificação da equipa redactorial.

Essa mudança correspondia também a uma ruptura editorial com o passado recente do próprio jornal, anteriormente designado por *Combate Operário* e que, entretanto, *ipsis verbis*, perdeu o “operário”... A ruptura teve esse aspecto formal, mas foi sobretudo pelo conteúdo que valeu. Na prática, o PSR (proprietário do jornal *Combate Operário*) e os seus militantes e activistas, deixaram de ter um organizador colectivo, na boa tradição leninista da construção do partido, para promoverem um órgão de imprensa que se assumia com toda a sua herança anti-capitalista, socialista e revolucionária, mas que deixava de ser o “fio de prumo” do partido, pensado, produzido e realizado por quem, inclusive, nada tinha a ver com o próprio partido. De tal sorte que foi mesmo questão de “fundação” do novo *Combate* que a nova composição da equipa redactorial não tivesse uma maioria de membros do PSR, o que se veio a verificar.

Mas, se esse era um pormenor, a ideia de fundo era mesmo a do alargamento: era preciso conquistar novas ideias, associar novas vontades, reinventar a palavra nos seus conteúdos e nas suas formas, para introduzir elementos de ruptura crítica no quotidiano cinzento que dominava a imprensa escrita de então.

O nascimento do *Combate* foi o instrumento desse alargamento e foi também um ponto de passagem, não para a “outra margem” (como diz o cantor), mas um ponto sem retorno no sentido da transformação duma praxis que foi capaz de juntar diversidade de pensamento político, com inovação de linguagem e alargamento de um leque muito variado de protagonistas.

Mais pessoas a escrever, a discutir, a fazer um jornal que, também na sua forma, passou a ter um formato próximo de uma revista (ou melhor, que deixou de ter o formato de jornal), foi também sinónimo de mais confusão, mais stress editorial. Em alguns momentos, veio a lume o debate sobre o que prevalece num determinado artigo ilustrado: o texto

ou a imagem? Ou mesmo sobre se prevalece um sobre a outra? Não necessariamente como sua imagem mas como uma imagem, aposta junto do texto?

Seguindo a lógica hegeliana, pode-se afirmar que “a lógica dialéctica associa a forma e o conteúdo do pensamento. O conceito é, ao mesmo tempo, uma forma lógica e uma realidade existente”. “O processo do pensamento começa com o esforço para apreender a estrutura objectiva do ser. No decurso da análise, esta estrutura se dissolve numa multiplicidade de “algos” interdependentes, qualidades e quantidades” (Marcuse, H., *Razão e Revolução*).

São esses “algos” que agora se trazem à estampa, de novo. Já não são “aquelas” ilustrações ou “aquelas” leituras de um “conceito” interpretada a duas mãos, pelo autor do texto e pelo autor da imagem. Sozinhas, são “realidades” que se lêem por si e, em muitos casos, são GRANDES MOMENTOS de criação, e alguns de nós tiveram a “sorte” (às vezes, era mesmo azar, por causa das noitadas que tal exigia...) de poder acompanhar de perto o seu nascimento.

Mas sobretudo, o que foi o GRANDE MOMENTO do novo *Combate* foi ter podido acompanhar e aprender com alguns verdadeiros mestres do pensamento e da linguagem, em exercícios regulares e sistemáticos de inovação na palavra e na interpretação da realidade, “para melhor a transformar”. João Martins Pereira, Eduarda Dionísio, João Mesquita, Jorge Silva Melo, Francisco Louçã e outros e outras foram alguns dos intérpretes dessa nova forma de escrever ou dizer coisas, que deviam ser escritas e ditas de forma diferente, à imagem do que se procurava fazer com a ilustração, que se compaginava com os artigos (ou vice-versa).

Esse terá sido, para mim, o maior gozo. Infelizmente, os leitores desta publicação não vão poder aproximar-se dessa parte hedonista da história do *Combate* porque uma tal edição não seria manejável e seria, certamente, muito pouco portátil.

É claro que, ao editarem-se apenas as ilustrações, se corre o risco de se resolver a dialéctica anterior num sentido que não é a nossa perspectiva. Mas, fica com certeza a possibilidade de se poder partilhar esses tais GRANDES MOMENTOS que muitas dessas ilustrações representam e com as quais o Jorge Silva soube, com rara mestria, criar uma nova linguagem gráfica em publicações escritas.

Pelo facto, e também porque foi também com as ilustrações que o novo *Combate* se construiu e se manteve por quase duas décadas, o nosso agradecimento a tod@s que, em conjunto, produziram, realizaram e levaram até si este projecto.

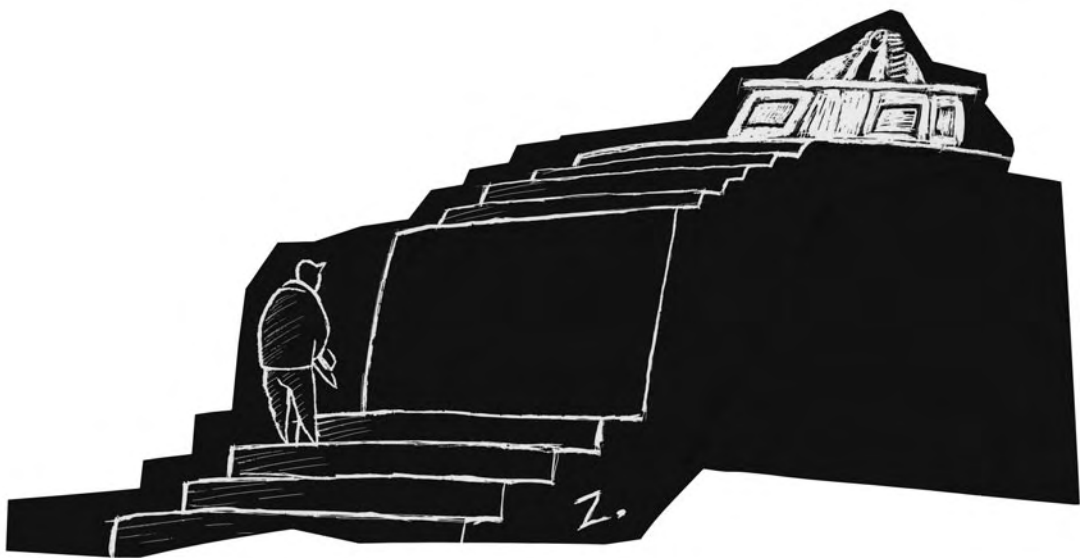


páginas anteriores
1986 Novembro #94
José Cerqueira
Round Midnight
Nicolas Maheu
Tinta da china e fotocópia

1988 Janeiro #104
Jorge Silva
Fotografias a Direito
Pastel de óleo



1988 Janeiro #104
José Cerqueira
Acesso à Justiça
Noémia N. Anacleto
Grattage sobre película copyproof



1988 Fevereiro #105 →
Jorge Silva
Vícios Públicos, Virtudes Privadas
Eduarda Dionísio
Pastel de óleo



1988 Março #106
Pedro Amaral
Não Adianta Recauchutar
Heitor de Sousa
Pastel de óleo



1988 Abril #107 →
Francisco Vaz da Silva
Coisas da Periferia e Coisas Periféricas
Jorge Rato
Grafite e guache



1988 Abril #107
Francisco Vaz da Silva
Greve e Ocupações
Heitor de Sousa
Grafite e guache



1988 Maio #108 →
Pedro Amaral
O Mal-estar da Geração
Eduarda Dionísio
Pastel de óleo



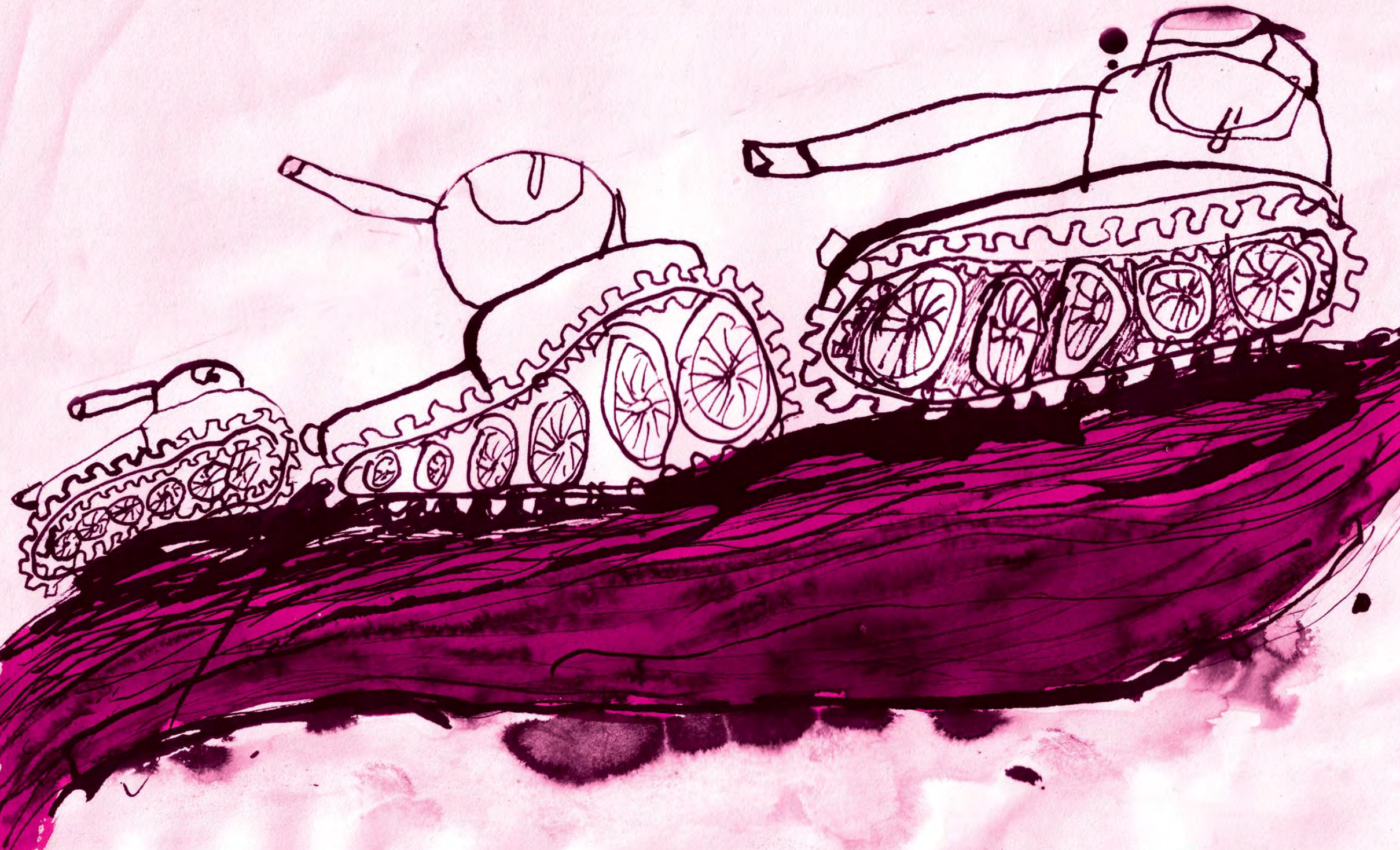


2005 Outubro #284
Isabel Carvalho
Orgulho precário
Jorge Costa
Tinta da china e stencil



2006, Primavera, #285
Joanna Latka
O conflito sexual no seu auge e o medo de ousar
Sérgio Vitorino
Tinta da china



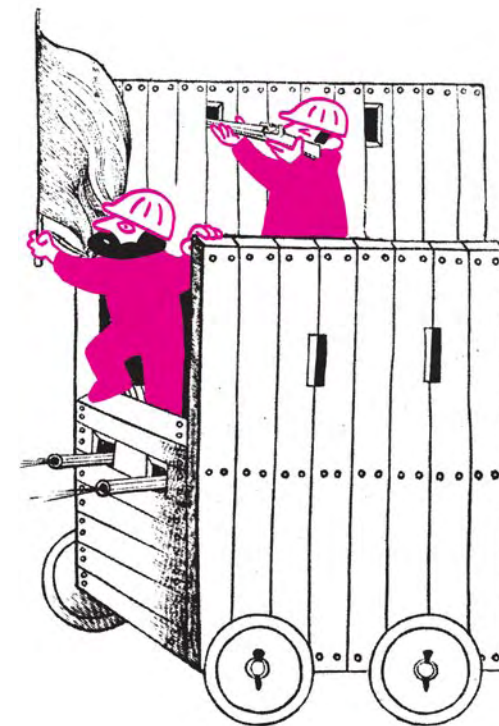
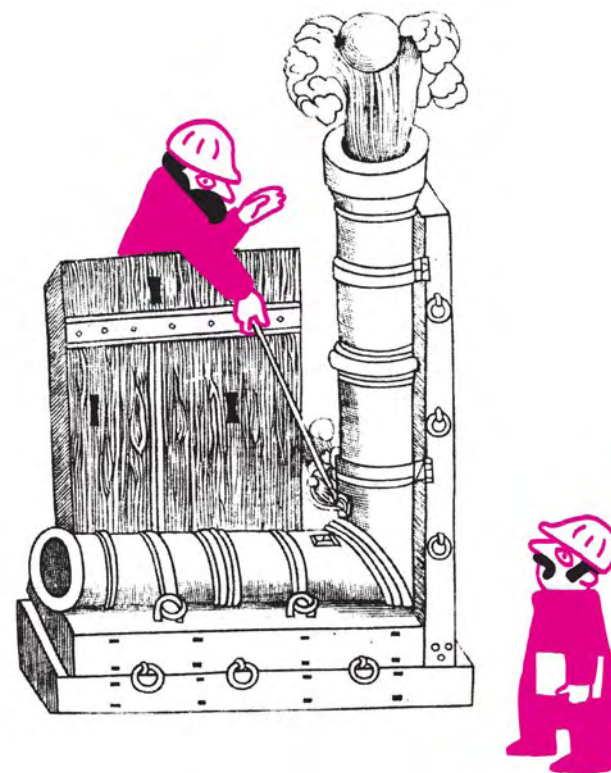


páginas anteriores
2006 Outono #286
Joanna Latka
*Do desaparecimento da Jugoslávia
em banho de sangue*
Catherine Samary
Tinta da china

2006 Outono #286
José Feitor
Eco-Socialismo
Tinta da china e Adobe Photoshop



2007 Outono #287
José Feitor
*Do desaparecimento da Jugoslávia
em banho de sangue*
Catherine Samary
Tinta da china e Adobe Photoshop



Todos os ilustradores do Combate 1986-2007

Adriana Molder 1996
Alain Corbel 1992, 1993, 1994
Alex Gozblau 2000
Alice Geirinhas 1989, 1990, 1991, 1992, 1996
André Carrilho 1993, 1994
André Ruivo 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003 2004
Ângelo Ferreira de Sousa 2000, 2003, 2004, 2005
António Nelos 1988
Armando Ferraz 1989
Armando Lopes 1989
Arsélio Martins 1989
Bandeira 1992
Bárbara Assis Pacheco 2000
Carla Cruz 2004, 2005, 2006
Carlos Marques 1990, 1991
Catarina Carneiro de Sousa 2003, 2004, 2005, 2006
Cesário Monteiro 1995
Cláudia Amandi 1989
Cristina Sampaio 1988, 1989, 1990, 1996
Diniz Conefrey 1991, 1992, 1993, 1996, 2002
Fernando Martins 1993
Fernando Mateus 1990
Fernando Torres 1988, 1989, 1990
Filipe Abranches 1993, 1995, 1996, 1999
Fonte Santa 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1997
Francisco Vaz da Silva 1987, 1988, 1989, 1990
Frederico Mira 1994, 1995, 1996, 1997
Gonçalo Pena 1993
Henrique Gil 1992
Henrique Ruivo 2003
Isabel Carvalho 2004, 2005
Joanna Latka 2006
João Belga 1991
João Fazenda 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004
João Lam 1993
Jonas 1989, 1990, 1991
Jorge Mateus 1991, 1992, 1993, 1995, 1996
Jorge Rato 1991
Jorge Silva 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1996, 2000
Jorge Varanda 1991
José Carlos Fernandes 1992
José Cerqueira 1986, 1987, 1988, 1989
José Feitor 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006
José Fonseca 1988
José Trindade 1990, 1991
Lia Gonzalez 1989
Luis Félix 1988
Luis da Silva 2003, 2004, 2005, 2006
Manuel San Payo 1989
Maria João Worm 1992
Mário Caeiro 1990, 1993
Miguel Cabral 2002, 2003
Nicolau Tudela 1991, 1992, 1996
Nuno Costa 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005
Nuno Gonçalves 1989, 1990, 1991
Nuno Neves 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006
Nuno Saraiva 1991, 1992, 1993, 1994, 1996
Patrícia Fidalgo 1991
Patrícia Garrido 1992, 1993
Paulo Cintra 1990
Pedro Amaral 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996

Pedro Burgos 1992, 1993, 1994, 1995
Pedro Cavalheiro 1992, 1993, 1994
Pedro Pousada 1994, 1995, 1996, 1999
Pedro Zamith 2001, 2002, 2003, 2004
Raquel Moraes 1989
Relvas 1989, 1992, 1993
Renato 1992
Ricardo Lafuente 2005
Richard Câmara 2001, 2002, 2003, 2004
Rodrigo Miragaia 1995
Rogério Taveira 1990
Rui Garrido 1996, 1997
Rui Pedro Pinto 1988
Rui Silveiras 1989, 1990, 1991
Teófilo Duarte 1988
Vasco 1988, 1989
Vera Velez 1993, 1994